

Editorial

Com os temas “a escrita psicanalítica” e “sonhos”, trabalhados em 2017, procuramos afinar a sintonia com as bases metapsicológicas do modelo de mente da psicanálise, destacando a capacidade humana de simbolização e o desenvolvimento da linguagem verbal, sob o paradigma dos sonhos enquanto processos de pensar secundariamente – com o efeito de algum grau de censura e resistência – os pensamentos oníricos latentes, agregando sentidos à autopercepção emocional.

Com o tema do presente número – “Pesquisa psicanalítica” –, pretendemos abordar mais diretamente as sutilezas da prática clínica, que sabemos ser indissociável da atitude investigativa. A epistemologia psicanalítica e o valor terapêutico da psicanálise têm a ver com a construção intersubjetiva de conhecimentos, cuja fonte primordial encontra-se na intimidade da relação analítica.

A extensão do método para apreender sentidos intersubjetivos em *settings* não convencionais, ou nas variadas manifestações humanas, culturais, artísticas e políticas, individuais ou coletivas – a chamada “clínica extensa” –, pressupõe um ponto de partida localizável na confiabilidade científica da metapsicologia psicanalítica, construída clinicamente por Freud e grandes autores que o seguiram.

Como integrar a dimensão intuitiva, tão fundamental à função psicanalítica que tem como principais instrumentos de investigação os fatores da própria personalidade do analista, seus próprios sonhos, não-sonhos, pontos cegos, enfim, sua pessoa “real”, com a dimensão científica ou de validação dos conhecimentos que construímos?

Nas primeiras seções, a conversa com Roosevelt Cassorla e Ricardo Trinca e a entrevista com Mark Solms tratam dessas questões de maneira próxima e numa perspectiva multidimensional: clínica, científica, artística, acadêmica, teórica, metodológica, institucional, social, mercadológica etc. Foi uma feliz coincidência a visita do presidente do Comitê de Pesquisa da IPA, Mark Solms, justamente nesse momento da edição deste número do *Jornal* sobre o tema, trazendo informações de bastidores da troca de gestão do Comitê, e a meta científica contaminada por tendências políticas, como é frequente em grupos institucionais. Nessa entrevista, Solms relata como procura resgatar a dimensão científica, em sua acepção mais clássica, visando abertura ao diálogo interdisciplinar e a inserção mais efetiva da psicanálise no campo da saúde:

A indústria farmacêutica tem enorme poder e propaganda a seu favor, e os terapeutas cognitivo-comportamentais têm grande vantagem sobre nós, uma vez que estão cerca de vinte anos a nossa frente, no que diz respeito à pesquisa. (p. 55)

A seção temática nos traz um interessante panorama que permite visualizar desde as paradoxais funções do método psicanalítico, como apreensão de sonhos, validação, publicação, com Cassorla, até a observação de bebês como formação técnica para o contato do analista com os próprios sonhos, com Maria Aparecida Angélico Cabral, passando por reflexões metapsicológicas e sobre a interlocução interdisciplinar, com Paulo Duarte Guimarães Filho e Cinthia Jank. Modelos de pesquisa acadêmica de orientação psicanalítica são trazidos por Mariângela Mendes de Almeida e coautores, revelando a fecundidade com a qual psicanalistas e pediatras podem dialogar. Walter Migliorini também nos relata um projeto acadêmico com a AMF e as repercussões positivas no atendimento à comunidade.

Vemos que o campo de pesquisa da psicanálise é amplo, o que significa que a *análise do analista* ocupa uma posição central para apropriação metodológica, por favorecer a descoberta e a formulação de conceitos conectados com a percepção das experiências emocionais, prevenindo elaborações intelectualizantes e desvitalizadas, com reduzido potencial transformador.

Na seção “Diálogo com um jovem colega” encontram-se dois artigos representativos de linhas de pensamento sobre a formação psicanalítica na SBPSP, apresentados no XXVI Congresso da Febrapsi (2017) pelas duplas Carmen Mion e Ana Vannucchi, que abordam o mundo em transformação, e Marilsa Taffarel e Maria da Penha Zabani Lanzoni em seu cuidadoso percurso epistemológico em torno da interpretação. Os artigos da “Aula inaugural” também se ocupam de questões da formação, assim como nos temas livres as autoras se voltam à mente do analista como instrumento técnico. Vale conferir a resenha, bastante oportuna a este número.

O vértice intuitivo pode ser visto em curiosas aproximações artísticas ao método psicanalítico, nas seções da “AMF” e “Interface com a cultura”. Notícias de *O Manuscrito de 1931*, de Freud, nos são dadas pela própria tradutora, Elsa Susemihl, coincidentemente a seu recente lançamento.

O valor científico da psicanálise sempre foi subestimado em grande parte do meio acadêmico, provavelmente devido a seus efeitos revolucionários, que evidenciam certa onipotência implícita nas metodologias positivistas, que pretendem manter sob controle a inevitável influência de variáveis rebeldes associadas ao inconsciente do pesquisador.

Poderíamos dizer que, em parte, os ataques à cientificidade da psicanálise se devem a dificuldades dos próprios psicanalistas de dialogarem com outras áreas do conhecimento e da saúde, de maneira mais aberta e criativa?

Celso Antônio Vieira de Camargo, parceiro neste projeto temático, ilustra essas questões com a foto reproduzida a seguir, antes de seu editorial. Celso propõe desdobramentos e aprofundamentos preciosos para introduzir as reflexões sobre pesquisa que se seguem.

Ana Clara Duarte Gavião
Editora

jornaldepsicanalise@sbpsp.org.br

Editorial

We are such stuff as dreams are made on,
and our little life is rounded with a sleep
(Shakespeare, *A tempestade*, ato IV, cena I)

O atual número do *Jornal de Psicanálise* dedicou-se ao tema pesquisa, área em que tem surgido quase como um correlato inevitável a avaliação de resultados. Inicialmente, todo o progresso que foi feito em nossa área surgiu com base na observação das situações que se desenvolviam dentro do *setting* analítico, criando-se sobre esta base o nosso arsenal teórico. O estudo de caso constituiu-se na mola mestra do desenvolvimento da psicanálise. Desde Freud, todos os principais autores construíram a psicanálise apoiados na observação dos fenômenos emocionais que se desenvolviam entre analista e analisando, e do analista consigo próprio. Com a ampliação do alcance e das possibilidades que a psicanálise oferecia, contudo, e com o desenvolvimento de outros recursos de “tratamento”, vem sendo cobrada à psicanálise a avaliação de resultados, em termos quantitativos.

O assunto constitui um grande desafio quando tratamos da vida psíquica. Afinal de contas, todos ficamos de acordo em que a vida mental não se pesa, não se mede, tem características que mais a aproximam do sonho do que de algo que possa ser representado sensorialmente. A apreensão da realidade psíquica se faz de maneira efêmera, instantânea e fugaz, tal como acontece com os sonhos. Como poderemos avaliar o desenvolvimento em um trabalho de psicanálise, a não ser de maneira muito subjetiva? Para o psicanalista, algumas situações que poderiam caracterizar a ausência de sintomas podem representar um empobrecimento mental, já que certas melhoras em que ocorre apenas uma adaptação ao mundo exterior não necessariamente representam um progresso psíquico. Além disso, há momentos num trabalho psicanalítico em que uma piora da sintomatologia pode corresponder a um maior contato com a realidade psíquica. Afinal, é o que Bion põe em destaque ao abordar o conceito de “mudança catastrófica”. Nada poderia estar mais longe dos critérios sensoriais de melhora quando vistos do ponto de vista da realidade sensorial.

No entanto, como enfatiza Mark Solms, na sua entrevista, esse desafio se põe para a nossa prática. Somos pressionados pelos seguros de saúde, pela psiquiatria e pela classe médica, de maneira geral, a mostrar resultados. Mais problemático ainda é, como ele nos diz, quando o progresso é medido por pessoas e critérios que não levam em conta o desenvolvimento emocional. Como podemos medir o aumento de percepção e de sabedoria que um trabalho analítico bem feito traz? Acrescento ainda, o que é mais complicado para o observador comum, com pouco acesso à realidade psíquica, isto às vezes envolve contato

com mais sofrimento. Para a prática clínica, não surgem grandes dificuldades. Para a pessoa que sofre, pouco importam as considerações metodológicas ou os dados estatísticos. É maior o significado se o trabalho psicanalítico se ocupa de assuntos que dizem respeito à vida. Afinal de contas, como diz Shakespeare, é entre esse breve intervalo entre nascer e morrer que se inicia e termina a eternidade para cada um de nós.

É interessante perceber que, segundo Solms, a psicoterapia psicanalítica tem “robustas evidências de eficácia terapêutica”. Isto apesar de termos ficado de fora desse debate, cujo centro acabou ocupado pela Terapia Cognitivo-Comportamental.

Parece que, a julgar pela preocupação do setor de pesquisas da IPA, esses resultados não ficam evidentes nas análises de frequência elevada e duração mais prolongada, possivelmente pelos critérios usuais de “melhora, eficácia terapêutica”, ou talvez mesmo pelos poucos casos em que temos a possibilidade de trabalhar nessas condições. Penso que isso deve representar um alerta para todos aqueles que pretendem diminuir o tempo de análise e o número de sessões durante o período de formação, pois é nesse momento da formação que a psicanálise pode e deve ser exercida na sua plenitude. Na prática de consultório, creio que isso acontece menos, pois a vida moderna impõe restrições de tempo e dinheiro, aliadas ao uso de remédios eficazes na eliminação de sintomas, mas que não ajudam no desenvolvimento pessoal. Os antidepressivos podem melhorar a depressão, mas nada dizem sobre como dar sentido à vida.

Na nossa vida, importa perceber se estamos nos aproximando daquilo que é essencial em nossa prática clínica, que é a aproximação à verdade psíquica, ou um movimento em direção a essa verdade. Há aqui uma suposição básica, de caráter intuitivo, que a verdade é essencial para o desenvolvimento da vida. Mesmo que o(a) analisando(a) pouco possa fazer com relação a certas limitações pessoais, inevitáveis em nossa natureza humana, é essencial que ele(a) possa se conhecer e ter consideração mesmo para aquilo que cada um possa considerar como “defeitos”. Seria desejável, embora nem sempre aconteça, termos a capacidade de ser gratos, como diria Melanie Klein, à possibilidade única de termos tido a possibilidade de “existir”, principalmente quando esse existir vem acompanhado do sentimento de “ser”. É difícil medir esse tipo de qualidade no contato com a vida.

O desafio, no entanto, está lançado.

Celso Antônio Vieira de Camargo
Editor Associado
celsovieira@uol.com.br